

# CONSIDERAÇÕES SOBRE O EU LÍRICO FEMININO ADELIANO NOS POEMAS “COM LICENÇA POÉTICA” E “UM JEITO”

CONSIDERATIONS ABOUT ADELIA PRADO'S FEMALE LYRICAL SELF IN  
THE POEMS “COM LICENÇA POÉTICA” AND “UM JEITO”

**Fernanda de Alcantara Alencar**

Mestranda em Literatura na Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT)  
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6172554087186761>  
ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-5512-1648>  
E-mail: [fernanda.alencar@ufnt.edu.br](mailto:fernanda.alencar@ufnt.edu.br)

**Walace Rodrigues**

Pós-doutor pelo Instituto Politécnico de Lisboa - LIACOM/ESCS/IPL  
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5195497710570480>  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9082-5203>  
E-mail: [walace.rodrigues@ufnt.edu.br](mailto:walace.rodrigues@ufnt.edu.br)

**Elizabeth Barros de Sousa Lima**

Doutora em Literatura e Práticas Sociais (UnB)  
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8558058216142715>  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2899-6423>  
E-mail: [elizabeth.lima@ufnt.edu.br](mailto:elizabeth.lima@ufnt.edu.br)

**Resumo:** Este artigo traz uma reflexão sobre a figura do eu lírico feminino de Adélia Prado presente nos poemas “Com licença poética” e “Um jeito”. É traçado, primeiramente, um breve resumo da trajetória de Adélia Prado como mulher e escritora, junto a seu contexto histórico e social, e, em seguida, oferecemos um posicionamento da crítica literária da época a respeito do seu lugar na literatura. Em seguida, analisamos os dois poemas selecionados por meio de uma teoria modernista e feminista. O objetivo principal deste trabalho é buscar as características presentes nos poemas que constroem um eu lírico próprio da autora e dar voz a uma mulher literária que nascia e se desenvolvia à procura de mais espaço em sua época. Nas considerações finais, constatamos que Adélia Prado e sua escrita enriquecem o papel da mulher na literatura brasileira, com sua linguagem simples, direta, algumas vezes afetada e muito espiritual, fazendo poesia a partir do cotidiano feminino.

**Palavras-chave:** Adélia Prado. Poesia Brasileira Contemporânea. Literatura feminina.

**Abstract:** This paper presents a reflection on the figure of Adélia Prado's feminine lyrical self present in the poems “Com licença poética” and “Um jeito”. First, a brief summary of Adélia Prado's trajectory as a woman and writer is outlined, along with her historical and social context, and then we offer a positioning of literary criticism at the time regarding her place in literature. Next, we analyze the two selected poems through a modernist and feminist theory. The main objective of this work is to look for the characteristics present in the poems that construct the author's own lyrical self and to give voice to a literary woman who was born and raised in search of more space in her time. In the final considerations, we note that Adélia Prado and her writing enrich the role of women in Brazilian literature, with her simple, direct, sometimes affected and very spiritual language, creating poetry based on women's daily lives.

**Keywords:** Adélia Prado. Contemporary Brazilian Poetry. Women's Literature.

## Introdução

Adélia Prado é uma renomada poetisa brasileira nascida na cidade de Divinópolis, no estado de Minas Gerais, em 13 de dezembro de 1935. A vida e obra da escritora são marcadas por uma profunda sensibilidade com temáticas que giram em torno da vida cotidiana, da espiritualidade católica, da feminilidade e da condição humana. A escritora é filha de um pai ferroviário e uma mãe dona de casa e iniciou seus estudos no Grupo Escolar Padre Matias Lobato. Em 1950, após a morte de sua mãe, Adélia escreve seus primeiros versos:

[...] a autora, quando publicou seu primeiro livro, tinha já os seus 40 anos e começara a escrever os primeiros versos por volta dos 15 anos, motivada pelo impacto da morte de sua mãe. Na longa trajetória, vai tomando consciência de que há um trabalho, um artesanato a ser conquistado, desenvolvido, para se poder falar de literatura. Por volta de 1972, morreu o pai e a dor profunda amadurece definitivamente Adélia Prado para a poesia. (Moreira, 2010, p. 17)

Após seu luto, Prado se graduou em Filosofia no ano de 1973. Posteriormente, seu primeiro livro, intitulado “Bagagem” foi publicado em 1976 e marcou o início de uma carreira literária brilhante. Sobre esse livro, Moreira informa que:

[...] *Bagagem*, de poesia, é de 1976 - expôs-se em inúmeras entrevistas, na imprensa escrita e televisiva, assim como em eventos de que tem participado, e nunca se furtou a duas das questões mais frequentes e polêmicas que lhe formulavam, e às quais respondeu sempre frontalmente: a indagação sobre o seu processo criativo e sua crença na inspiração, e um posicionamento a respeito do caráter religioso de sua poesia. (Moreira, 2010, p. 11)

A alegação de que a inspiração e dons divinos eram o que moviam de fato a escrita adeliана foi reforçada em muitos de seus trabalhos literários, em análises de suas obras e também em entrevistas da escritora a jornalistas do famoso programa “Roda Viva”, da TV Cultura.

Isso trouxe polêmicas para sua trajetória que, segundo Caser e Pinheiro (2018) explica em seu artigo sobre crítica literária, a poetisa representava naquele momento, nas décadas de 1970 e 1980, ideias completamente contrárias ao viés libertário e feminista que emergiam no país. As autoras também afirmam que o meio acadêmico também via com crítica a relação de Adélia com a religião.

[...] sua poesia nasceu em pleno movimento da poesia marginal e de poéticas vanguardistas com feições concretistas, não se identificando com nenhum desses movimentos, embora mantivesse aproximações com alguns deles em aspectos temáticos ou formais específicos, trazendo acentuados traços do modernismo. No entanto, evidencia-se, inicialmente, certa resistência da crítica à sua obra, principalmente nos primeiros anos pós-Bagagem, por apresentar um discurso feminino não afinado com o feminismo de sua época, além do aparente distanciamento das questões políticas e sociais do período da ditadura e da abertura política, bem como à forte ligação de sua poesia com a teologia católica. A maioria dos críticos que referenciaram o seu trabalho poético nos primeiros anos, entretanto, foram homens, e somente a partir da década de 90 sua obra passa a ser mais evidenciada na análise da crítica de voz feminina e nas críticas ligadas às discussões sobre gênero, destacando seu discurso feminino e erótico. (Caser, Pinheiro, 2018, p. 162)

Para ambas as autoras, fica claro que a escrita de Prado sofre várias influências e que ela se entrega à liberdade proporcionada pelo manejo singular das palavras, explorando os diversos instrumentos de criação disponíveis.

No livro “Literatura, História e Texto 3”, Samira Youssef Campedelli (1999, p. 336) aborda a notável presença feminina durante os anos 70, ressaltando a ampla divulgação de livros, músicas e antologias que amplificaram as vozes das mulheres. Entre as autoras mencionadas, destacam-se: Adélia Prado, Leila Miccolis, Isabel Câmara, Ângela Melin, Alice Ruiz e Ledusha Spinardi. Todas elas representantes desse fervilhante período literário que deixou um dos mais significativos legados da década.

Em 1978, Adélia Prado venceu o Prêmio Jabuti com a obra “O Coração Disparado”, na qual os leitores encontram poemas que exploram os meandros do coração humano em todas as suas facetas, desde os suspiros apaixonados até as dores mais profundas da alma.

A escritora também lançou em poesia os livros: “Terra de Santa Cruz” (1981), “Oráculos de Maio” (1999), “A Duração do Dia” (2010) e “Miserere” (2013). E em prosa se destacam os livros: “Solte os cachorros” (1979), “Cacos para um vitral” (1980), “O homem da mão seca” (1994), “Quando eu era pequena” (2006) e “Carmela vai à escola” (2011).

## Metodologia

A metodologia desenvolvida realizou-se por meio de pesquisa bibliográfica, análise de artigos e livros. Compilou-se estudos acerca da escritora Adélia Prado, dos poemas que retratam o eu-lírico feminino adeliiano, com vistas a traçar perspectiva sobre a importância da feminilidade na arte e na poesia.

## Nasce um eu lírico feminino em “Com licença poética”

### Com licença poética

Quando nasci um anjo esbelto,  
desses que tocam trombeta, anunciou:  
vai carregar bandeira.  
Cargo muito pesado pra mulher,  
esta espécie ainda envergonhada.  
Aceito os subterfúgios que me cabem,  
sem precisar mentir.  
Não sou tão feia que não possa casar,  
acho o Rio de Janeiro uma beleza e  
ora sim, ora não, creio em parto sem dor.  
Mas o que sinto escrevo. Cumpro a sina.  
Inauguro linhagens, fundo reinos  
-- dor não é amargura.  
Minha tristeza não tem pedigree,  
já a minha vontade de alegria,  
sua raiz vai ao meu mil avô.  
Vai ser coxo na vida é maldição pra homem.  
Mulher é desdobrável. Eu sou. (Prado, 1979)

Foi através deste poema, presente no livro “Bagagem” (1976), que Adélia Prado começou a ganhar destaque como escritora a partir da década de 1970, um período que sucedeu o auge do Modernismo. O título sugestivo, “Com licença poética”, imediatamente sugere as intenções da autora para o que viria a seguir, pois a poetisa pede licença ao renomado poeta brasileiro Carlos Drummond de Andrade para fazer uma releitura do poema “Sete Faces”, de seu livro “Alguma Poesia” (1930).

No poema de Drummond, ele escreve “Quando nasci, um anjo torto, desses que vivem na sombra, disse: Vai, Carlos! Ser gauche na vida”, que foi a inspiração para o diálogo traçado por Prado, que faz essa tensão (Candido, 1984) entre masculino (Drummond) e feminino (ela), dando movimento ao poema. Prado nos conta em “Quando eu nasci um anjo esbelto, / desses que tocam trombeta, anunciou: / vai carregar bandeira. / Cargo muito pesado pra mulher, / esta espécie ainda envergonhada”.

Dessa forma, além de fazer uma referência literária significativa ao poema de Drummond em sua escrita, Adélia Prado também dá voz à mulher literária que, nesse período histórico extremamente machista, ainda era frequentemente apagada e não tinha muito espaço para se expressar editorialmente.

Lembremos que o primeiro livro de Prado somente foi publicado por meio das indicações de Drummond e Affonso Romano de Sant’Anna, ou seja, ela somente teve acesso ao sistema editorial por meio de dois importantes homens na cena literária nacional da época. Isso reafirma o que colocamos no parágrafo anterior.

O autor José de Nicola (2003) explica no livro “Literatura brasileira das origens aos nossos dias” que:

O anjo de Drummond vive nas sombras, é torto: daí o seu presságio: vai ser gauche na vida, vai ser torto, fora dos padrões, desajeitado. O anjo de Adélia Prado, pelo contrário, é esbelto, toca trombetas e anuncia algo bom: vai carregar bandeira, ou seja, vai ser alguém que terá atitudes que serão seguidas, servirão de modelo, alguém que promoverá rupturas. (Nicola, p. 62, 2003)

É interessante lembrarmos que Drummond vem do movimento literário modernista em que a postura artística é questionar a realidade com mais vigor e o próprio poeta também passa a se questionar como indivíduo no campo das artes literárias. Sobre o Modernismo, Nicola nos informa que:

O resultado é uma literatura mais construtiva e mais politizada, que não quer e não pode se afastar das profundas transformações ocorridas nesse período, daí também o surgimento de uma corrente voltada para o espiritualismo e o intimismo, caso de Cecília Meireles, de Jorge de Lima, de Vinícius de Moraes e de Murilo Mendes em determinada fase. (Nicola, 2003, p. 327)

Dessa forma, é possível compreender o contexto em que a poeta Adélia Prado acaba “denunciando” o meio literário de sua época, protestando em favor das mulheres comuns e das escritoras. A partir disso, os poemas de Adélia Prado trazem então uma clara identificação do eu-lírico feminino adeliiano com as mulheres comuns do cotidiano, tais como a filha, a mãe e a esposa. E ao conceder voz a essas mulheres e retratá-las de maneira próxima, a poesia de Prado caracteriza-se, também, por sua sensibilidade e empatia.

Nesse texto, é destacada que a tradição, documentos históricos e textos literários focam principalmente em escritores homens, deixando poucos registros sobre mulheres envolvidas nas atividades literárias, principalmente até a primeira metade do século XX. Os poucos nomes femininos mencionados são frequentemente vistos e interpretados do ponto de vista masculino.

Michelle Perrot aborda várias questões relacionadas às mulheres em sua obra, incluindo sobre a esfera pública. Em seu trabalho, ela destaca a importância da compreensão da história das mulheres e sua participação na esfera pública ao longo do tempo e nos conta que:

Entender as proibições é também compreender a força das resistências e a maneira de contorná-las ou subvertê-las. As frentes de luta das mulheres, suas tentativas de atravessar os limiares muitas vezes provocam a violenta reação dos homens. Mas existem também outros tipos de relações – de aliança, de cumplicidade, de amizade e de amor. Trata-se menos de

guerras do que de escaramuças, menos de frentes do que de linhas quebradas ou deslocadas. Assim, as fronteiras que limitam a vida das mulheres, atribuindo-lhes mais um destino do que uma sina, movem-se ao longo do tempo. (Perrot, 1998, p. 91)

A partir dessa perspectiva, constatamos que o espaço e o lugar da mulher na literatura é um problema que permeia muitas culturas e civilizações e que embora Adélia Prado seja uma autora que não seja rotulada explicitamente como uma figura feminista, ela aborda temas relevantes para a experiência feminina, transmitindo suas reflexões e observações com profundidade e autenticidade. Alcançando mais destaque à medida que a própria sociedade machista vai se desconstruindo.

Ainda, o poema é marcado por muitos sentimentos e pela versatilidade inteligente das mulheres em: “Minha tristeza não tem pedigree, / já a minha vontade de alegria, / sua raiz vai ao meu mil avô. / Vai ser coxo na vida é maldição pra homem. / Mulher é desdovrável. Eu sou.” Novamente a poeta se utiliza de um binarismo entre masculino (coxo) e feminino (desdovrável) para dar tensão e criar movimento no poema.

### Poema “Um jeito”: mais sobre o eu lírico feminino adeliano

#### Um jeito

Meu amor é assim, sem nenhum pudor. Quando aperta eu grito da janela — ouve quem estiver passando — ô fulano, vem depressa. Tem urgência, medo de encanto quebrado, é duro como osso duro. Ideal eu tenho de amar como quem diz coisas: quero é dormir com você, alisar seu cabelo, espremer de suas costas as montanhas pequenininhas de matéria branca. Por hora dou é grito e susto. Pouca gente gosta. (Prado, 1979)

Também presente no livro “Bagagem” (1976), o poema “Um jeito” traz, perceptivelmente, a figura de um eu-lírico feminino intenso e com muita sede de viver uma paixão. A pressa do eu-lírico de encontrar sua paixão o mais rápido possível se confirmam com a expressão: “eu grito da janela - ouve quem estiver passando - ô fulano, vem depressa”. Isso pode ser caracterizado com um eu lírico feminino histórico que expressa seu amor de forma direta e franca e pouco preocupado com as convenções sociais sobre o que pensarão. Ela deixa claro que não há intenção de viver um romance à moda antiga, onde se espera que a mulher aguarde o ser amado em um tempo de conquista e cortejo.

O eu lírico deixa claro que não pretende seguir normas sociais ditadas para mulheres, nem formas de agir ditas “apropriadas” para uma moça interiorana. Esse amor sem pudor que o eu lírico procura tem algo de proximidade e de emoção, mas que se expressa também em gritos e sustos.

A partir disso, percebe-se que o eu lírico feminino do poema extravasa anseios de uma mulher, que pode estar a denunciar também um contexto sociocultural em que o papel da mulher com anseios românticos seja preestabelecido por meio de um comportamento mais calmo, doce e passivo. Simone de Beauvoir conta-nos em seu livro “O segundo sexo” que:

A figura da mulher se espiritualizou desde o aparecimento do cristianismo; a beleza, o calor, a intimidade que o homem deseja ter através dela não são mais qualidades sensíveis; em lugar de resumir a saborosa aparência das coisas, torna-se a alma delas; mais profundo do que o mistério carnal, há em seu coração uma secreta e pura presença em que se reflete a verdade do mundo. Ela é a alma da casa, da família, do lar. Ela é também a das coletividades mais amplas; cidade, província, nação. (Beauvoir, 2009, p. 253)

É possível percebermos que o eu lírico de Adélia Prado, nesse poema, não se parece com essa mulher cristã, paciente e harmoniosa, no entanto, a escritora tem todas essas características.

Dessa forma, pode-se dizer que os versos adelianos se destacam justamente por dar voz a um eu lírico feminino que “poucos gostam”, um eu lírico feminino desesperado para viver uma paixão com tudo que se tem direito. E é possível notar esse sentimento e anseio, fortemente misturado com as consequências e a agonia, que é viver uma paixão intensa na expressão “medo do encanto quebrado”, pois, a partir daí, nota-se um eu lírico feminino ciente de que se essa conexão não der certo, haverá o trágico momento de não ter conseguido viver aquele sentimento com o ser desejado e de ter que superá-lo.

O eu lírico adeliانو se expressa, ainda, com “é duro como osso duro”, o que pode caracterizar que conhece as consequências de possuir um coração partido, que conhece a dor do sofrimento de uma paixão que desandou ou não deu certo no final. Todo esse conflito também pode referenciar uma expressão bastante popular no Brasil que é “osso duro de roer” e significa algo muito difícil de conseguir realizar. Tal expressão também pode caracterizar uma pessoa dura em padrões de comportamento e que não admite mudanças, uma pessoa difícil. O que mais uma vez mostra que a escrita de Adélia Prado é simples, franca, profunda e próxima de um leitor que a recebe de forma rápida e fácil.

E a pergunta que fica é: que mulher é essa do eu lírico adeliانو dos versos de “Um jeito”? Quando a autora afirma ainda que “ideal eu tenho de amar, como quem diz coisas: quero é dormir com você, alisar seu cabelo, espremer de suas costas as montanhas pequenininhas de matéria branca”, nota-se um eu lírico busca uma relação com bastante intimidade, pois o próprio ato de espremer espinhas ou tocar lugares do corpo do outro, demonstram bem que o eu lírico quer sentir o ser amado com maior proximidade e, talvez, até mesmo em uma rotina de quem mora junto ou possui um relacionamento estável. De alguma forma, Prado traz um eu lírico feminino ávido por viver uma experiência amorosa o mais rápido possível e de forma também duradoura e íntima.

Esse eu lírico também reconhece que seu jeito de amar pode não ser compreendido ou aceito por todos com a expressão “Pouca gente gosta”. Essa consciência da própria singularidade e vulnerabilidade adiciona uma camada de subjetividade ao poema, destacando a complexidade das relações humanas e a coragem necessária para ser autêntica consigo mesma, mesmo que isso signifique enfrentar a incompreensão ou a rejeição dos outros. Ou ainda, que essa maneira imediata de se relacionar, e talvez impulsiva de se expressar, possa assustar ou não ser vista com bons olhos pelo outro.

Compreendemos que o poema captura a essência da honestidade emocional e da autenticidade que são marcas registradas da poesia de Adélia Prado. E traz-nos um eu lírico contraditório à figura estereotipada da mulher “dona de casa” e “religiosa” que Adélia Prado costuma carregar. Beauvoir nos diz que: “É pelo trabalho doméstico que a mulher realiza a apropriação de seu ‘ninho’; eis por que, mesmo quando ‘se faz ajudar’, quer por a mão na massa” (Beauvoir, 2003, p. 538). Prado incorpora essas várias facetas femininas para dar forma e movimento a seus poemas, expressando várias formas de ser do feminino em poesia.

O autor Gaston Bachelard, em sua obra “*La Terre et les reveries repos*” (de 1948, “A terra e os devaneios do descanso” em tradução livre) também discorre sobre vários escritores de livros femininos que narravam histórias sobre donas de casa que lutavam contra a sujeira de sua casa e como sentiam amor em fazer as tarefas domésticas com riqueza de detalhes e muita paciência, ou como a mulher encontrava plena satisfação e possuía sentimentos de recompensa e vitória ao faxinar móveis, organizar a casa e lustrar objetos do seu lar. Por fim, essas também são atividades corriqueiras da vida da maioria das mulheres e que fazem parte de suas rotinas. No entanto, Prado transforma o cotidiano feminino em poesia, ressignificando-o.

## Considerações finais

A escolha da análise dos poemas “Com licença poética” e “Um jeito” foi feita a partir de uma reflexão para conhecer mais sobre poetisas mulheres na literatura brasileira e sua arte e artesanias poéticas (Rodrigues, 2012a). Vemos que Prado constrói arte por meio de uma artesanias do dia a dia de uma professora, poeta, esposa e mãe do interior de Minas Gerais.

Prado também foi escolhida, aqui, por trazer polêmicas interessantes na sua carreira literária, com o seu apurado lado religioso presente em seus poemas, e por trazer assuntos que não estavam na pauta feminista nas décadas de 1970 e 80 no Brasil, como o cuidado do lar e o afeto familiar, por exemplo.

Sobre essa religiosidade adeliiana, Rodrigues nos informa que ela trabalha como uma alquimista poética: “Adélia encontra, nas sensações humanas, a fricção entre o físico e o metafísico, entre a loucura e a santidade” (2012b, p. 166-167).

Vimos que a poesia adeliiana em “Bagagem” é extremamente dialógica com a tradição poética brasileira, principalmente a modernista, que é feminista (mas não nos moldes convencionais da década de 1970) por valorizar as figuras femininas e suas sensibilidades em um ambiente simples e cotidiano.

Compreendemos, ainda, que o eu-lírico feminino de Adélia Prado foi identificado, neste artigo, como uma voz emergente que explora as complexidades da condição feminina num contexto histórico próprio da segunda metade do século XX, fazendo isto com uma sensibilidade ímpar. Podemos dizer que sua poesia se utiliza de sua linguagem simples, direta, diária, coloquial e corriqueira, mas que suas expressões são, algumas vezes, afetadas e muito espirituais.

Nos dois poemas de Prado, brevemente analisados neste artigo, vemos que esse eu-lírico feminino muitas vezes se manifesta por meio de figuras familiares, como dona de casa e esposa, refletindo sobre as experiências cotidianas e os desafios diários da vida. Em outros momentos, essa mesma voz poética transcende os limites do pessoal e do íntimo, abordando temas universais como amor, a fé e os desejos humanos.

Compreendemos que os processos de criação poética, especialmente na era pós-moderna, são processos dinâmicos e interativos, caracterizados pela descoberta contínua e pela multiplicidade de interpretações possíveis dos sentidos contidos nos poemas. É improvável, portanto, que uma única descoberta revele todo o potencial de significados de uma obra de arte, assim como é improvável que um único eu lírico adeliiano represente uma única mulher na obra de Adélia Prado.

Nesse sentido, concluímos que o significado dos poemas adelianos não são fixos ou pré-determinados, mas residem no espaço de interação entre o poema e o leitor, em um processo contínuo de negociação e reconstrução de significados e de que enriquecimento pessoal.

## Referências

- ANDRADE, Carlos Drummond de. Poema de Sete Faces. In: **Alguma Poesia**. Belo Horizonte: Pindorama, 1930, p. 15.
- BACHELARD, Gaston. **La terre et les rêveries du repos**. Paris: Librairie José Corti, 1948.
- BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- CANDIDO, Antônio. **Na sala de aula**: Caderno de análise literária. São Paulo: Ática, 1984.
- CASER, Maria Mirtis; PINHEIRO, Silvana Athayde. Adélia Prado e a crítica literária brasileira. **Revista Contexto**. UFES, n. 38, p. 151-167, 2018.
- CAMPEDELLI, Samira Yousseff. **Literaruta História & Texto**. Editora Saraiva. São Paulo, 1999.
- NICOLA, José de. **Literatura Brasileira**: das origens aos nossos dias. São. Paulo: Scipione, 2003.
- PERROT, Michelle. Práticas da Memória Feminina. **Revista Brasileira de História**, V. 9, no 18, p. 9-18. São Paulo, Ago-Set 1989.
- PRADO, Adélia. **Bagagem**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1979.

RODRIGUES, Wallace. Arte ou artesanato? Artes sem preconceitos em um mundo globalizado. **Cultura Visual**. Salvador: EDUFBA, v.18, p. 85-95, 2012a.

RODRIGUES, Wallace. Fricções entre a poesia de Adélia Prado e as performances de Lygia Clark. **Trama Interdisciplinar**. V. 3, n. 2, p. 155-168, 2012b.

Recebido em: 7 de junho de 2024  
Aceito em: 15 de dezembro de 2024